
The image shows the front cover of a book. The background is dark, possibly black or dark blue. In the center, there is a lit candle held in a hand, with a bright flame. To the right, another hand holds a lit cigarette, with its tip glowing. The lighting is dramatic, highlighting the hands and the fire against the dark background. The text is in a white, serif font.

Domingos Corcione

em busca
de uma
pedagogia libertadora

DOMINGOS CORCIONE
Pastoral de Juventude do Meio Popular
CNBB — Regional Nordeste II



EM BUSCA DE UMA PEDAGOGIA LIBERTADORA

Para animadores adultos que atuam junto aos jovens do meio popular

EDIÇÕES PAULINAS APRESENTAÇÃO

A Pastoral de Juventude do Meio Popular do Regional NE II, ao dar à estampa este livro, faz saber que ele foi elaborado a partir de uma prática vivida. Ele se volta para a ação, a qual deve continuar fortalecida pela reflexão.

Este processo deve ser ininterrupto.

O livro é destinado, sobretudo, aos animadores adultos dos jovens do meio popular:

- àqueles que fizeram a opção de evangelizar os jovens operários;
- os jovens que moram, em sua maioria, nos bairros da periferia das grandes cidades;
- os jovens que, tanto na cidade quanto no interior, devem deixar a escola para ajudar a família;
- os jovens que, mais cedo ou mais tarde, precisam viver de biscates...

O livro, ao invés de falar de "classes populares", prefere usar a expressão "meio popular", pois esta terminologia adapta-se melhor ao Nordeste. Aqui, as classes dominadas não são bem definidas e acabadas como no Centro-Sul do País, onde, por exemplo, existe uma classe operária forte e operante.

Estamos convencidos de que *do meio do povo virá nossa libertação*. Por isso, não é demais investir recursos de todas as ordens no trabalho com o povo.

Quando Puebla, confirmando Medellín, nos leva a fazer uma opção preferencial pelos pobres, está indicando-nos a direção dos ventos assumida pelo Espírito de Deus. A nossa pastoral de juventude vai tomando o rumo certo quando se engaja nessa linha, quando assume o ponto de vista do pobre.

No trabalho pastoral, a *avaliação* ocupa lugar privilegiado, pois permite rever constantemente os erros e os acertos. Este livro tem o objetivo de sugerir um roteiro de avaliação a quantos se dispõem a uma revisão de sua atividade pastoral entre os jovens do meio popular.

Todos os pontos aqui comentados estão intimamente relacionados e interligados entre si.

Entre eles,
não há uma relação cronológica,
como se tivesse de acontecer
antes o primeiro,
depois o segundo,
e assim por diante.
Entre eles,
há uma relação dialética,
isto é: estão de tal maneira
ligados uns aos outros,
que um não se dá plenamente
sem o outro...

Todos eles juntos revelam, claramente, que a libertação é um longo processo educativo. Revelam, também, que a libertação será autêntica e total somente na medida em que o processo for sério, profundo e transformador — ao mesmo tempo — de estruturas e de consciência.

A qualidade de um processo influencia enormemente a qualidade dos frutos que dele derivam. Da mesma forma, uma caminhada apressada e superficial poderá ser capaz de fazer chegar a um resultado precioso, mas tal resultado jamais terá a imagem e o conteúdo da libertação do homem todo e de todos os homens (cf. Documento de Puebla, n.ºs 354, 985, 920 etc.).

Pedimos atenção especial, neste livro, à permanente preocupação da educação na fé. Tudo, afinal, é visto de modo concreto, exigindo análises e avaliações à luz do plano de Deus Criador e Pai. Trata-se, portanto, de legítimo subsídio pastoral. Mesmo quando se insiste em consciência de classe, que é o ponto de partida.

É a palavra de Deus na vida, é o conflito social assumido pelo cristão, dentro da História, como fez Jesus.

A meta final é sempre o Reino de Deus. É provocar no futuro os sinais promissores da sua presença *já, aqui e agora*, configurando a nossa esperança que desembocará, no futuro, na vitória sobre a própria morte.

+ Dom Marcelo Pinto Carvalheira
(bispo responsável pela Pastoral de Juventude do Meio Popular do Regional NE II da CNBB)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles jovens e animadores adultos que muito contribuíram na elaboração e revisão deste livro:

É difícil lembrar o nome de todos, mas quero, pelo menos, citar alguns:

- Jean Noel, ex-assessor da Pastoral de Juventude do Meio Popular do Regional NE II da CNBB;
- Luís Couto, assessor da Pastoral de Juventude do Meio Popular da Arquidiocese de João Pessoa e da Comissão Inter-Regional do Nordeste;
- Pé. António, atual assessor da Pastoral de Juventude do Meio Popular do Regional NE II da CNBB;
- Hauridete Lima dos Santos, ex-membro da equipe diocesana do Movimento de Jovens do Meio Popular de Olinda e Recife.

Estas páginas brotaram da prática de uma pastoral de juventude do meio popular comprometida com a libertação. Que elas facilitem e aprofundem o diálogo entre todos os evangelizadores que vêm atuando nessa caminhada!

Domingos Corcione

01 DUAS PREMISSAS

1. Estamos fazendo uma opção p elos jovens do meio popular?
2. Estamos ajudando a criar um clima de escuta, de compreensão e de diálogo entre as pessoas?

1. ESTAMOS FAZENDO UMA OPÇÃO PÊLOS JOVENS DO MEIO POPULAR?

O que significa optar pelo meio popular? Significa.

Antes de tudo,

- acreditar nos mais pobres, nos mais oprimidos e explorados;
- acreditar no poder que eles têm para acabar com as situações de injustiça;
- acreditar na capacidade que eles têm de construir uma sociedade nova, onde não haja mais opressores nem oprimidos.

O Evangelho proclama solenemente esta fé quando diz: "Depois poderosos de seus tronos e a humildes exaltou" (Lc 1,52).

"Esta fé no povo — diz o grande educador brasileiro Paulo Freire — vale mais do que mil ações realizadas sem ela."

Mas não basta. Opção pelos jovens do meio popular significa também

- olhar, analisar e enfrentar toda a realidade a partir do ponto de vista da situação e das necessidades dos mais pobres, oprimidos e explorados.

Enfim, optar pelos jovens do meio popular quer dizer dedicar todas as nossas energias na *convivência* com eles, para ajudá-los a unir-se e a organizar-se entre si e com o povo na luta pela libertação.

12

2. ESTAMOS AJUDANDO A CRIAR UM CLIMA DE ESCUTA, DE COMPREENSÃO E DE DIALOGO ENTRE AS PESSOAS?

Paulo Freire diz que "ninguém educa ninguém, nem a si mesmo; os homens se educam em comunhão".

A partir desta verdade, compreende-se que o agente de pastoral não pode assumir, no meio do povo, a postura de quem ensina, do professor, do mestre. Ele é, antes de tudo, alguém que aprende. Por isso, deve assumir uma *atitude de escuta* diante de tudo e de todos.

Este mesmo clima de escuta deverá ser estimulado no meio jovem, como também entre os jovens e o povo com o qual eles vivem e trabalham.

Desta forma, vai-se criando entre todos — agentes de pastoral e jovens — um relacionamento rico de calor humano, suscitador de amizades profundas.

Assumir uma atitude de escuta significa também lembrar que a cultura popular ainda se encontra em estado "impuro", isto é:

- ainda influenciada pela maneira de pensar da classe dominante;
- ainda atingida pela repressão, a qual impede que o povo expresse sua vida e enfrente sem medo as injustiças do dia-a-dia.

14

Não levar isso em conta significa:

- considerar apenas os valores populares (a sinceridade, a simplicidade, o jeito hospitaleiro etc.);
- não saber apontar ao mesmo tempo os contravalores igualmente presentes no meio do povo (o medo, a alienação, a tendência para a resignação diante dos males, a submissão às autoridades, o desejo de seguir o modelo dos opressores etc.).

Dessa forma, a atitude de escuta está ligada à tentativa de:

- *descobrir*, ao mesmo tempo, os valores e os contravalores do povo;
- *lutar* contra a ideologia dominante, que se infiltra entre as massas populares;
- *ensaiar*, no meio popular, uma nova maneira de agir e de pensar.

1. Fazer, com os jovens, uma pesquisa para descobrir tudo aquilo que permite à ideologia dominante infiltrar-se no meio do povo: as novelas, os discos, a propaganda...

De que maneira tudo isso se reflete no dia-a-dia da família, do bairro, da escola, do trabalho?

2. Realizar, com os jovens, uma avaliação do ano, para que eles nos critiquem, apontando sugestões que nos ajudem a melhorar.
3. Fazer, com o grupo de jovens, uma pesquisa, para saber o que o povo está pensando e dizendo a respeito do grupo.

Depois, arrumar o resultado da pesquisa e avaliá-lo numa reunião semanal.

ESTAMOS PARTINDO DA REALIDADE?

1. Realizando pesquisas ou consultas
2. Arrumando, devolvendo e debatendo os resultados da pesquisa.
3. Levando em conta todos os aspectos da vida

1. REALIZANDO PESQUISAS OU CONSULTAS

O melhor ponto de partida da educação dos jovens do meio popular é a realidade concreta e mais imediata vivida e sofrida por eles.

Tal realidade é formada sobretudo pelas necessidades mais sentidas pelos jovens. Tais necessidades são, direta ou indiretamente, econômicas:

- o salário do pai insuficiente para sustentar a família toda;
- a alimentação fraca;
- o desemprego;
- a impossibilidade de sustentar os estudos etc.

Portanto, a descoberta das necessidades mais sentida representa o primeiro passo de um processo educativo libertador.

- É preciso que o agente de pastoral conheça bem os problemas mais sentidos pelos jovens.
- É preciso que o grupo de jovens tenha mais consciência dos problemas comuns a todos os seus membros.
- É preciso que tanto o agente de pastoral quanto o grupo de jovens, juntamente com outros grupos das classes populares, descubram e aprofundem os problemas mais sentidos pelo povo e que, partindo disso, possam ser encaminhadas pistas de respostas.

2. Em busca...

Essa descoberta mais aprofundada — do agente de pastoral, do grupo e do povo — pode acontecer contemporaneamente: "Os homens se educam em comunhão", diz Paulo Freire, já citado.

Como chegar a essa descoberta?

Por intermédio de pesquisa ou consulta junto às pessoas.

A pesquisa de que falamos aqui é muito diferente da pesquisa feita pelo IBGE ou por outros órgãos parecidos.

O IBGE se preocupa, em primeiro lugar, em preencher fichas com longos e detalhados questionários para chegar a ter conhecimento estatístico da realidade. O que lhe interessa é realizar uma exposição estatística dos dados reconhecidos.

Vejamos como foi feita a pesquisa por um grupo de jovens de um bairro popular.

Cada membro do grupo foi conversar com pessoas de sua rua. Jorge, por exemplo, não levou consigo fichas ou formulários. Entrou na primeira casa: morava lá a família de um operário.

O pai das crianças estava tomando banho, mas Jorge ficou conversando com a dona da casa. De vez em quando, brincava com as crianças.

Jorge bateu um bom papo com vários membros da família e fez amizade com eles. Voltou a fazer outras visitas. Numa delas, falou da pesquisa que o grupo estava fazendo. Perguntou ao chefe da casa sua opinião sobre a situação do bairro. Num primeiro momento, o dono da casa achou meio estranho que Jorge fosse perguntar a ele, pobre operário, coisas tão importantes: "Só o doutor Alfredo vai poder responder bem a esta pergunta". Mas, afinal, sentiu-se feliz por poder também ele dar sua opinião, pois também ele era gente...

Jorge se despediu. Os membros mais adultos da família lhe agradeceram. Insistiram para que voltasse outras vezes. Enfim, quando Jorge estava saindo, o dono da casa disse que estaria disposto a dar uma ajuda ao grupo, quando fossem convidá-lo.

Depois disso, a amizade e a confiança entre Jorge, a família e o grupo se fortaleceu sempre mais.

Não é difícil entender o que significaram aquelas visitas para *Jorge*. Ele, além de colher dados objetivos,

— conheceu mais de perto as necessidades da família,

- Percebeu que a opinião de um operário é importante.
- Despertou naquele operário o desejo de ajudar o grupo,
- formou novos amigos...

Por sua vez, a *família*.

- sentiu-se valorizada,
- parou para pensar nos problemas do bairro,
- ficou solidária com a preocupação do grupo e
- ligou-se mais a Jorge.

Também o *grupo de Jorge* ganhou muito por intermédio daquela pesquisa, pois, além de realizar uma tarefa científica,

- ficou mais conhecido,
- valorizou a opinião de uma família a mais,
- começou a contar com a colaboração de mais pessoas da comunidade...

Desta forma, está claro que a *pesquisa mais eficaz e mais proveitosa* para conhecer as necessidades das pessoas não é aquela que se preocupa apenas em

- recolher o maior número de dados,
- preparar estatísticas perfeitas,
- levar em conta opiniões de doutores e cientistas...

A pesquisa mais eficaz e proveitosa é aquela que, além de colher dados objetivos, preocupa-se, em primeiro lugar, em fazer com que as pessoas

19

- descubram suas necessidades,
- se encontrem e se conheçam,
- sejam valorizadas,
- se unam,
- despertem para um compromisso,
- comecem a organizar-se...

Uma pesquisa deste tipo não é apenas um ponto de partida para começar a agir. Uma pesquisa deste tipo é uma atividade que vai levar a uma ação maior.

Ela deverá contar com a participação do maior número possível de pessoas.

Uma observação: nem sempre as necessidades mais sentidas coincidem com as necessidades principais das pessoas ou do lugar onde elas vivem e trabalham. Contudo, é preciso, com muita paciência, partir das necessidades mais sentidas para chegar, gradualmente, às necessidades principais.

No bairro de Pedra Dura, o problema principal — aquele do qual estavam dependendo todos os demais — era o projeto de urbanização, destinado a acabar com todas as casas do bairro.

Porém, acontece que o resultado de uma pesquisa.

Realizada naquele mesmo bairro, revelou que a grande maioria da população não se queixou do projeto de urbanização, mas do problema do lixo, que se amontoava, durante dias e mais dias, em muitas ruas do bairro.

Para mobilizar o povo e fazer com que ele reivindicasse seus direitos, o grupo que fez a pesquisa teve de começar pelo problema do lixo. Só mais tarde — depois que a primeira luta resultou vitoriosa — foi possível ajudar o povo a organizar-se para lutar contra o projeto de urbanização: o povo já tinha entendido, por intermédio da luta contra o lixo, que o problema principal era outro.

A pesquisa, da qual falamos, foi realizada por um grupo de jovens entre as pessoas do mesmo bairro, visando a uma ação transformadora da sociedade. Mas os jovens de um grupo podem realizar outras pesquisas: Entre os colegas de escola, entre os companheiros de trabalho...

20

O grupo de Tejiptó decidiu fazer uma pesquisa sobre as dificuldades que se encontram na escola. Foi preparado um roteiro com perguntas (veja, mais adiante, o modelo de ficha). Cada membro do grupo passou a realizar a pesquisa com alguns colegas da classe, aproveitando o recreio, as aulas vagas etc.

Foi colocada uma norma: é proibido entregar a ficha com as perguntas para outro preencher. Cada membro do grupo deverá entrevistar colegas e escrever as respostas deles.

É fácil imaginar como a ligação do grupo com outros jovens cresce. Além disso, outros jovens passaram a refletir sobre seus problemas de estudantes do meio popular.

Da mesma forma, os jovens trabalhadores podem realizar pesquisas sobre as dificuldades encontradas no local de trabalho.

Tudo isso mostra que a *pesquisa é um maravilhoso instrumento*

- *de educação.*
- *de conscientização.*
- *de mobilização.*

A pesquisa ajuda os jovens a estar sempre ligados à realidade deles e de seus companheiros, a compreender a verdadeira dimensão dessa realidade e a perceber melhor a necessidade de se empenhar para transformá-la.

Essas metas, naturalmente, não serão alcançadas apenas com a realização desta ou daquela pesquisa. Será preciso muito mais: será preciso educar para o *espírito de pesquisa*.

Trata-se de algo permanente, de uma metodologia de ação educativa. O espírito de pesquisa é muito mais do que a simples somatória de um grande número de pesquisas:

21

educar para o espírito de pesquisa significa:
educar para uma *atitude nova* diante da realidade;
uma atitude que não vem apenas da prática de pesquisas, mas também da fé no constante apelo de Deus escondido dentro da realidade;
um apelo que exige um constante debruçar-se sobre essa mesma realidade.

22

PESQUISA SOBRE ESCOLA

- Qual o nome de sua escola?

- Sua escola é
 [] pública [] particular
- Diga o que mais atrapalha os alunos
- a) no relacionamento entre eles:

b) no relacionamento com os professores e com a direção:

c) nas coisas materiais da escola:

- Por que essas coisas acontecem?

23

O que mais prejudica os alunos? De que maneira?

- Você fala sobre esses problemas com seus colegas?

O que dizem?

1. Realizar, com os jovens, uma pesquisa no meio do povo de que fazem parte, levando em conta as "dicas" deste capítulo.
2. Depois da pesquisa, encaminhar uma avaliação com todas as pessoas que dela participaram, para que coloquem em comum tudo o que aprenderam.

2. ARRUMANDO, DEVOLVENDO E DEBATENDO OS RESULTADOS DA PESQUISA

A arrumação da pesquisa não deve ser apenas uma tarefa de algum especialista ou de um pequeno grupo.

Muitas das pessoas que participaram da pesquisa poderão participar, também, da arrumação dela. Assim como existem as mais variadas formas de pesquisa, existem também as mais variadas formas de arrumação e de devolução de pesquisa: teatro, mapas, cartazes, festas, análises, encontros, reuniões, montagem de audiovisuais etc.

Num bairro popular, um grupo de evangelização acabou de realizar uma pesquisa. Logo depois, convidou uns moradores do lugar para que colaborassem para transformar o resultado da pesquisa numa pequena peça.

A peça representava uma maneira de *arrumar e devolver os resultados da pesquisa*.

Depois da peça, houve muito debate em torno dos problemas abordados.

Em outro lugar, um grupinho de jovens operários realizou, com muito cuidado, uma consulta entre seus companheiros de fábrica. Depois, juntamente com outros, preparou um *mapa* da fábrica com os resultados da consulta sobre as seções onde se faziam mais horas extras.

Na reunião de sábado, o mapa foi apresentado e longamente estudado. Do debate surgiu o planejamento da ação.

O grupo de Tejipió, que havia realizado uma pesquisa sobre a escola, preocupou-se também com a devolução dos resultados. Por isso, fez uma assembléia com os colegas dos colégios do bairro que tinham sido entrevistados.

25

É preciso que, nos debates sobre os dados já devolvidos, haja a participação do maior número possível de pessoas que foram consultadas e que se mostraram dispostas a apoiar o encaminhamento de uma ação transformadora.

Será por meio desses debates que as pessoas poderão descobrir como enfrentar os problemas para planejar uma nova ação.

Nos debates, é educativo usar uma *metodologia de descoberta*: não oferecer o "prato pronto", mas fazer com que as pessoas descubram os melhores caminhos.

O animador deverá aprender a *arte de perguntar* e abandonar a pretensão de possuir toda a verdade, todas as respostas.

Não se espere, porém, que tudo seja descoberto pela massa. Há coisas que a massa não tem condições de descobrir, por causa da trágica situação em que vive:

- a luta pela sobrevivência,
- uma religiosidade que às vezes alimenta a acomodação,
- os meios de comunicação (TV, rádio, jornais, revistas, cinema etc.) que transmitem uma maneira de pensar capaz de defender sempre os interesses das classes dominantes.

Nesses casos, será preciso oferecer as informações necessárias ou até apontar algumas pistas de respostas.

Realizar um debate com outros agentes da pastoral de juventude popular:

- Como estamos ajudando os jovens a observar a realidade do meio em que vivem? Que instrumentos estamos usando?
- Que metodologia estamos empregando quando falamos aos jovens? É uma metodologia que está ajudando os jovens a assumir cada vez mais seu papel de protagonistas do processo educativo-pastoral?

3. LEVANDO EM CONTA TODOS OS ASPECTOS DA VIDA

Uma caminhada libertadora não visa apenas transformar as estruturas injustas: ela tem o objetivo de transformar também a consciência dos homens.

Para isso, é preciso levar em consideração focos os *aspectos da vida humana*, sem deixar de lado nenhum deles: os problemas sócio-econômicos, a vida familiar, a vida escolar, o lazer, a política, a fé e a prática religiosa, o namoro e o sexo, a amizade etc. (cf. Documento de Puebla, n.º 354).

A. Os problemas sócio-econômicos

Os jovens do meio popular já nascem marcados pela pobreza. Quase sempre passam pela experiência da fome, do desemprego, do trabalho mal remunerado. Cedo ou tarde começam a sonhar em subir na vida, sozinhos.

Acabam introjetando a imagem do opressor...

B. A família

Em geral, são famílias numerosas. Os pais sequer têm tempo suficiente para conviver com os filhos e orientá-los. É muito comum que os pais sejam autoritários. A menina e o rapaz são tratados de maneira muito diferente: a menina, com todas as restrições; o rapaz, com todas as liberdades. Uma educação machista...

C. O namoro e o sexo

As restrições da vida familiar, muitas vezes, obrigam a menina a apressar o casamento com o primeiro que chega. Assim, acaba com uma escravidão para cair em outra. Frequentemente se repete, entre o rapaz e a moça, o mesmo esquema de relacionamento que existe entre o patrão e o empregado: o rapaz impõe uma série de normas para a menina, que acaba sendo tratada como objeto de cama e mesa.

Uma forte desilusão amorosa faz com que, muitas vezes, a menina não queira mais nem namorar ou fique predisposta a desacreditar e a desconfiar de qualquer homem que venha a aparecer em sua vida.

D. A escola

São ainda muitos os que nem conseguem entrar na escola. Os demais, que com muito esforço entram, cedo ou tarde precisam deixá-la: as taxas altas, a necessidade de trabalhar, as reprovações...

Apesar de tudo, o sonho de chegar até a universidade está ainda muito presente nos jovens do meio popular. Porém, na quase totalidade, deparam-se sempre com a desilusão de nem acabar o segundo grau ou de nunca passar no vestibular.

Na escola, o autoritarismo de professores e diretores, o baixo nível dos estudos, a alienação do conteúdo do ensino, representam o pão de cada dia.

E. O lazer

O lazer é visto como meio para fugir da dura realidade de todos os dias: os filmes eróticos ou violentos, os discos de música estrangeira, as novelas e fotonovelas, as bebidas, parecem corresponder melhor a esta imagem de lazer. Por isso, acabam sendo os instrumentos mais usados. As festinhas entre amigos, tanto nos bairros das grandes cidades quanto no interior, são freqüentes. Os motivos para promovê-las não faltam: um aniversário, uma formatura, a vitória de um time, a mudança de casa, o casamento do vizinho, um batizado do irmãozinho do amigo, o noivado da prima... Tudo é motivo de festa. As meninas se enfeitam, às vezes, mais do que as filhas do patrão, gastando nisso o dinheiro que deveria servir para alimentar-se.

F. A política

As campanhas eleitorais, em época de eleição, são apenas o ponto culminante de toda uma política de promessas e de arrebanhamento de votos que vereadores e deputados levam durante o ano: "E promete um vestido pra Maria, e promete um roçado pró João. Entra ano e sai ano e nada vem". Tudo isso não deixa de marcar também a vida dos jovens do meio popular. Os mais comunicativos entre eles acabam, às vezes, tornando-se cabos eleitorais e, não raro, sonham com uma próspera carreira política. Mas a desilusão chega mais cedo...

G. A fé e a prática religiosa

A forte religiosidade dos pais, sobretudo da mãe, se reflete nos jovens. Mas já na adolescência a influência diminui: pouco depois, quase desaparece e dá lugar a um certo indiferentismo religioso: a fé e a prática religiosa ficam quase amortecidas. A entrada nos grupos reaviva tudo isso. Dependendo do grupo, a fé e a prática começam a amadurecer, conseguindo adequar-se à nova fase de vida; em outros, a fé e a prática recomeçam no mesmo nível em que estavam na

infância. O descompasso entre o nível da fé e o grau de compreensão das coisas provoca crises, dúvidas...

Tudo isso — os problemas económicos, o namoro e o sexo, o lazer, a família, a escola, a política, a fé e a prática religiosa — constitui a matéria-prima da caminhada libertadora dos grupos de jovens.

O grande desafio é ajudar os grupos a se tornarem um instrumento ou um "lugar" que permita fazer crescer os jovens, tendo como termo de confronto o Cristo, pois ele:

29

- a. nasceu *pobre* e fez uma opção de viver com os pobres; a eles pregou sua mensagem libertadora. Colocou-se todo a serviço das massas oprimidas;
- b. situou a *realidade sexual* dentro da realidade social global. Valorizou a mulher, vendo-a e tratando-a em igualdade de condições com relação ao homem. Em sua atividade evangelizadora, várias mulheres o seguiram;
- c. não se limitou a viver apenas em função dos interesses de sua *família*. Deu prioridade aos interesses coletivos.

Desde cedo se preocupou com "as coisas do Pai", que são as causas do povo;

- d. assumiu uma atitude crítica diante da doutrina das *escolas* rabínicas daquele tempo, anunciou um saber novo, através de conversas e encontros com o grupo dos doze, com os discípulos e com as massas, em contato direto com a vida do povo;
- e. sabia aproveitar as *festinhas* dos amigos para conversar com o povo e anunciar sua mensagem. Por isso esteve, por exemplo, nas bodas de Cana e participou de um banquete preparado por um amigo. Não deixava de criticar certos costumes que vinham de Roma, porque suplantavam costumes locais; mas sabia, ao mesmo tempo, valorizar a fé de um estrangeiro;
- f. não concordava com aqueles governantes que se serviam de sua autoridade para oprimir e explorar os pequenos. Pregou uma doutrina pela qual, muitas vezes, os poderosos se sentiram ameaçados. Daí a sua condenação;
- g. criticou o *ritualismo vazio* e o legalismo religioso; desmascarou a hipocrisia dos fariseus e denunciou a religião convencional ou feita de aparências: "Não é quem diz Senhor, Senhor, que entrará no reino dos céus, mas quem faz a vontade do Pai".

30

03 ESTAMOS FAVORECENDO UMA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DE AÇÕES?

1. Ações pequenas e autenticamente libertadoras
2. Ações realizadas com a participação do maior número possível de pessoas
3. Ações ligadas umas às outras
4. Ações constantemente refletidas e avaliadas

Cada um dos aspectos da vida, de que acabamos de falar, está intimamente ligado ao outro: entre eles existe uma interdependência. O empenho e o compromisso pela libertação do homem todo e de todos os homens exigem que haja plena coerência entre os vários aspectos da vida de um jovem.

- A vida sexual não está separada da política.
- A vida religiosa não está separada do compromisso social.
- A fé e a religião não estão separadas dos demais aspectos da vida da gente; estão presentes em todos eles e os iluminam.
- Não tem sentido o jovem afirmar:
"Uma coisa é o sexo e outra é o trabalho do grupo".
"Uma coisa é minha vida particular e outra é a minha vida de grupo"...

Roberto está aborrecido:

- seus pais brigam muito;
- sua irmã insiste em namorar um rapaz desonesto e aproveitador, mas muito rico.

Aos poucos, Roberto descobre que:

- os pais brigam porque o pai chega cansado e nervoso do trabalho, por causa do baixo salário que não basta para a família;
- que a irmã namora o rapaz porque está influenciada pelas fotonovelas que lê; nelas, a moça pobre casa com rapaz rico, mas este fica bonzinho por amor à moça e, no final, vivem felizes e contentes ...

Roberto vai percebendo assim que o *problema familiar* está intimamente ligado ao *problema econômico*; que o problema do namoro da irmã está ligado ao *problema cultural* (influência da imprensa, TV, rádio etc.).

32

Aos poucos, Roberto vê que tudo está intimamente ligado. E ainda mais: que todos esses aspectos estão dependendo da estrutura geral da sociedade, a qual está organizada de maneira que alguns poucos, que detêm o poder econômico, dominam e dirigem a vida ou grande parte da vida dos outros...

Roberto vai percebendo também que sua fé em Jesus Cristo é capaz de

iluminar toda a vida, pois Jesus também teve a ver com a família, com a cultura, com a economia, com a política, com tudo.

Jesus, com sua prática de libertação em tudo isso, deixou-nos uma mensagem sempre viva e sempre nova:

uma mensagem que será sempre
uma *Boa Notícia para todos os homens...*

1. Em nosso trabalho de evangelização com os grupos, existem aspectos da vida dos jovens que estão ficando de lado?

Como fazer, concretamente, para transformar cada aspecto da vida em matéria-prima de uma caminhada libertadora?

2. O lazer que os grupos tentam organizar juntos é coerente com a prática libertadora que estamos tentando despertar?

Como favorecer a preocupação por esta coerência no meio dos jovens?

33

3. Em busca.
3. A partir de experiências já realizadas, tentar definir as características de um lazer verdadeiramente libertador.
4. Quais as principais dificuldades que os jovens apresentam quanto ao namoro e ao sexo? Como isso influencia os demais aspectos da vida?

34

1. AÇÕES PEQUENAS E AUTENTICAMENTE LIBERTADORAS

Para quem conhece as profundas causas do sistema

de exploração em que vivemos, a realização de pequenas

ações pode parecer insignificante e até paliativa: "Cria-se

a ilusão da mudança, enquanto, na verdade, tudo fica do

mesmo jeito".

No entanto, para quem conhece também o estado em que vivem os jovens e em que desabrocha a consciência muito idealista deles, não é difícil dar-se conta da importância e do valor das pequenas ações.

O que significa *consciência libertadora*?

Significa que os jovens do meio popular, assim como o povo inteiro, estão cansados de esperar; *e/es precisam, para poder acreditar em transformações muito profundas, começar a ver transformações menores, mais rápidas, capazes de serem alcançadas em pouco tempo.*

Para realizar uma pequena ação, não é necessário muito tempo. Desta forma, os jovens não vão cansar-se tão facilmente.

Além disso, uma pequena ação leva facilmente a uma pequena vitória. Isso é muito animador para os jovens, que assim vão passando de vitória em vitória até chegar a lutar por objetivos maiores.

A luta dos pobres e dos oprimidos é muito rica dessas pequenas ações:

- reivindicar a instalação de um telefone público num bairro popular;
- exigir da direção da escola mais higiene nos sanitários;

•

- preparar uma chapa de oposição para as novas eleições de um conselho de moradores;
- reivindicar, numa fábrica, o pagamento do salário no dia certo;
- preparar uma peça teatral que mostre os problemas dos bairros populares;
- obter a água encanada numa cidade do interior;
- reivindicar um posto médico;
- reivindicar a construção de uma escolinha por parte da Prefeitura;

- preparar um jornal de comunicação entre os bairros;
- realizar uns cursos sobre leis trabalhistas com operários etc.

Todas essas pequenas ações não são paliativas. Elas

permitem ao jovem do meio popular:

- manifestar seu descontentamento com a situação existente;
- aumentar, cada vez mais, o número daqueles que lutam pela libertação;
- organizar-se mais;
- crescer na fé de que são capazes de *construir uma sociedade nova*;
- viver o Evangelho libertador.

Ação pequena não significa, necessariamente, ação paternalista ou reformista. Uma ação pode ser pequena, porém, verdadeiramente libertadora.

É ação paternalista entregar o peixe a fulano; é ação libertadora criar as condições para que fulano — juntamente com seus companheiros — aprenda a pescar. É ação reformista juntar os jovens para que construam casa para uma família; é ação libertadora fazer com que o povo reivindique do prefeito a construção de casas; etc.

36

Atenção: as vezes, a ação paternalista ou reformista pode ser um caminho para ajudar as pessoas a descobrir como realizar uma ação libertadora. Neste caso, a reflexão e a avaliação são mais importantes do que a própria ação. Outras vezes, a ação paternalista ou reformista não pode ser evitada pelas pessoas: elas podem estar vendo claramente as limitações daquela ação, mas as necessidades do povo são graves e as respostas a serem dadas são urgentes. Não é possível esperar mais: há gente morrendo de fome, há gente sem casa para morar...

1. Avaliar, com os jovens, alguma pequena ação que eles

tenham realizado. Foi autenticamente libertadora? Por quê?

O que está ainda faltando nela?

2. Que passos podemos dar para despertar, gradualmente, o

encaminhamento de outras pequenas ações libertadoras?

37

2. AÇÕES REALIZADAS COM A PARTICIPAÇÃO DO MAIOR NÚMERO POSSÍVEL DE PESSOAS

Se um grupo de jovens fechar-se em si, irá distancian-

do-se cada vez mais de sua classe, acabará tornando-se

auto-suficiente, considerando as classes populares uma

massa de ignorantes, pensando que somente uma pequena

vanguarda tem a capacidade de transformar a sociedade...

Desta forma, cai-se

- no *elitismo*,
- no *vanguardismo*,
- no *cupulismo*.

Isso significa que, em todas as ações que o grupo tentar realizar, a massa ficará apenas como espectadora; pois o grupo

- pensa tudo sozinho,
- decide tudo sozinho,
- revê tudo sozinho,
- critica tudo sozinho...

Se, pelo contrário, o grupo preocupar-se sempre em fazer participar da ação muitas outras pessoas que estão fora e ao redor dele, alguma coisa vai mudar. Assim, *o grupo vai tornar-se um fermento na massa*. Ajudará um número cada vez maior de pessoas a

- crescer juntas,
- pensar juntas,
- decidir juntas.
- agir juntas...

38

O grupo descobrirá grandes valores na massa, não se distanciará dela e encontrará *pessoas novas*, dispostas a assumir maiores responsabilidades na caminhada da libertação. Essas pessoas criarão condições para o desabrochar de novos grupos. Assim, *um grupo faz despertar a massa e a massa faz desabrochar novos grupos*.

No despertar da massa, o grupo pode facilmente cair na tentação de querer que todo mundo dê o mesmo tipo de contribuição. Agir desta maneira vai provocar o afastamento de muitas pessoas.

É preciso valorizar todo tipo de contribuição que cada pessoa possa dar.

Na tentativa do grupo de despertar o povo, poderão ser encaminhadas ações *de massa*:

- uma caminhada de juventude;
- uma assembleia para reivindicar melhores transportes no bairro;
- uma manifestação contra a poluição de uma fábrica do bairro etc.

A experiência revela que, nas ações de massa, devem ser levados em conta, principalmente, três elementos:

- a. *Uma intensa preparação*, durante a qual, por meio de uma distribuição de tarefas e da formação de numerosas comissões de trabalho (comissão de teatro, de música, de propaganda etc.) participe o maior número possível de pessoas.
- b. *Um momento forte*: será o tempo em que a massa vai apresentar-se com toda a sua força; poderá ser uma assembleia, uma caminhada etc. Este momento forte deve ser dinâmico, atraente, marcante na vida do lugar onde a ação se realiza.
- c. *A continuidade*: trata-se de garantir que o processo não pare. Um dos instrumentos mais eficazes para favorecer isso é a avaliação. A avaliação é como uma ponte entre o que temos feito e o que vamos fazer.

39

1. Quantos grupos de jovens existem em nossa paróquia ou em nossa diocese? O que eles representam em comparação com o grande número de jovens que vive isolado? O que nossos grupos estão fazendo para atingir todos eles?
 2. Avaliar, com os jovens, alguma ação de massa já realizada.
- 40

3. AÇÕES LIGADAS UMAS AS OUTRAS

Frequentemente acontece de a avaliação de uma ação

desabrochar no planejamento da ação seguinte. Isso

representa um fato bem positivo, pois haverá continuidade

entre uma ação e outra. É a melhor garantia para a unidade

do processo educativo dos jovens.

Porém, nem sempre isso é possível. Se, de um lado, existem datas fixas (Páscoa, Natal etc.), ao redor das quais é possível planejar certas ações, de outro, acontecem fatos e situações imprevistas que também não poderão ser deixados à margem de nossa caminhada. Neste caso, torna-se mais difícil garantir a continuidade entre uma ação e outra, mas ela deve ser igualmente buscada.

Como? Eis algumas sugestões:

- a. *Fazer da avaliação o elemento decisivo* não apenas para apreciar uma ação já realizada, mas também para prever a validade ou não de uma nova ação a ser feita; se necessário, ter a coragem de desmanchar o plano de uma ação seguinte.
- b. *Definir, no começo do ano, as prioridades pastorais do trabalho* com os grupos de jovens: formular as linhas norteadoras de toda e qualquer ação que poderá ser encaminhada. Dessa forma, se uma ação não desabrochar da avaliação da ação precedente, ela será ao menos fiel às prioridades gerais: será a continuação do mesmo esforço pastoral rumo aos mesmos objetivos.
- c. *Levar em conta, na realização de uma nova ação, as lições das ações já realizadas.*

41

Tudo isso é aplicável, de forma diferente, tanto às ações de massa quanto às ações de um pequeno grupo. Caberá aos agentes de pastoral ajudar os grupos. a partir da prática deles, a descobrir os pontos citados.

1. Revendo nossa experiência à luz das sugestões que este

capítulo oferece, que conclusões podemos tirar no que diz

respeito à nossa função de agentes de pastoral?

2. Até agora, nossos grupos de jovens têm despertado para

o problema da continuidade entre uma ação e outra? O que favoreceu ou atrapalhou esse despertar?

42

4. AÇÕES CONSTANTEMENTE REFLETIDAS E AVALIADAS

Não basta que sejam realizadas ações pequenas,

capazes de estimular muitas pessoas, ligadas umas às

outras e transformadoras do meio. É preciso que estas

ações sejam *constantemente refletidas e avaliadas*.

Somente assim elas se tornam evangelizadoras. A ação

evangeliza e o Evangelho se torna ação: esta é a *evan-*

geliz-ação.

Se a avaliação é tão importante, ela não pode ser feita apenas pelo coordenador do grupo ou por poucas pessoas. Para que seja plenamente eficaz, deve ser feita por todas as pessoas que participaram da ação, pelo maior número possível de pessoas. Isso, naturalmente, não vai impedir uma avaliação à parte com os mais interessados e ativos.

Avaliar uma ação, refletir sobre ela, não significa somente descobrir os pontos positivos e negativos: significa muito mais. Quer dizer, observar e descobrir

- se foram levadas em conta as necessidades mais sentidas pelas pessoas;
- se foram distribuídas as tarefas entre as pessoas;
- se se mobilizou o maior número possível de pessoas;
- se as pessoas mais interessadas e ativas estão sendo acompanhadas;
- se está sendo criado um clima de escuta, de compreensão e de diálogo entre as pessoas;
- se está havendo continuidade entre uma ação e outra;

- se os pobres estão despertando para uma consciência de classe;
- se foi favorecida a articulação entre vários grupos;
- se a caminhada dos pobres é a continuação da caminhada do povo de Deus.

Em resumo: avaliar a ação significa verificar se estão

sendo seguidas todas as pistas de que fala este livro.

A avaliação não é um simples momento de nosso trabalho de evangelização. Ela é um processo. Portanto, deve acompanhar todos os passos de nossa caminhada até identificar-se totalmente com esta.

Uma avaliação deste tipo despertará para uma reflexão que seja feita antes, durante e depois de cada ação. Uma avaliação deste tipo se torna o coração da caminhada de libertação dos jovens do meio popular.

1. Tentar fazer uma avaliação, com os jovens, levando em

conta as sugestões deste capítulo.

2. Debater com os jovens sobre a maneira de superar as falhas descobertas na avaliação.

1. Ajudando os jovens a despertar para uma cons-

ciência de classe

2. Ajudando os jovens a organizar-se com os moradores do bairro, com os companheiros de trabalho, com os colegas de escola

3. Incentivando os jovens a comprometer-se na militância político-partidária

4. Estimulando um aprofundamento teórico

5. Descobrimo uma dimensão nova da fé

1. AJUDANDO OS JOVENS A DESPERTAR PARA UMA CONSCIÊNCIA DE CLASSE

Jesus viveu a fraternidade. Jesus pregou a fraterni-

dade.

A fraternidade é a grande meta de todos nós. Porém, isso não pode fazer-nos esquecer de que a situação hoje é bem diferente: os homens estão muito divididos entre si.

A sociedade está assim organizada:

- em *cima* vive um pequeno grupo de pessoas que:
 - tem dinheiro, terra, fábricas, carros, casas etc.;
 - pode fazer leis, mandar, governar;
 - sabe, pois estuda, lê livros e mais livros, fala

difícil, fala línguas, são doutores...

- *embaixo* vivem as classes populares que:
 - trabalham mas não têm bens;
 - cumprem as leis mas não as fazem;
 - elegem alguns governantes, mas não têm poder de decisão;
 - são objetos de pesquisa, mas não podem fazer valer seu verdadeiro saber...

Quem está em cima domina, explora e oprime quem está embaixo para ter sempre mais, poder sempre mais e tornar-se o único detentor do poder. A sociedade está mal organizada. Isso traz muito sofrimento para a maioria das pessoas: pouca gente vive

46

bem e muita gente vive mal. Os que estão em cima ficam cada vez mais ricos; os que estão embaixo ficam cada vez mais pobres.

Os de cima querem que as coisas fiquem como estão e usam diversas maneiras para manter essa situação:

- enganando,
- atraindo,
- dominando.

Essas maneiras são: futebol, televisão, propaganda etc.

Essa organização é má!

Ela é o contrário da fraternidade e impede a participação das pessoas. A gente se torna passiva: não pensa, não cria, não critica, só repete (veja os n.ºs 19, 23, 32, 34 e, sobretudo, o n.º 403 do Documento de Puebla).

As pessoas que procuram uma vida feliz na fraternidade e na justiça entram em conflito com essa organização, com esse sistema de dominação.

Jesus também viveu dentro de um sistema de dominação. Como acontece aqui, também onde ele vivia havia os de cima e os de baixo. Jesus escolheu ficar com os de baixo: os pobres, os pescadores, todos os explorados.

Com suas palavras e ações ele despertou a esperança de libertação nos pobres. Jesus pregou o Reino de Deus: uma sociedade nova, na qual todo mundo possa participar na justiça e na fraternidade, na *comunhão* com os homens e com Deus. Nesta sociedade nova não há opressores nem oprimidos, escravos nem senhores.

Despertar nos jovens, com os quais trabalhamos, uma *consciência de classe* significa ajudá-los a descobrir tudo isso, a partir da prática deles.

Não será fácil para eles descobrir que, sendo do meio popular, fazem parte daquela massa de pessoas que estão embaixo.

Não será fácil para eles descobrir que a solução não é fugir do conflito, mas enfrentá-lo. Jesus não fugiu do conflito: sua morte foi o resultado do conflito entre ele

47

e os poderosos da época. Ele pregou uma mensagem pela qual muitas vezes os grandes se sentiram ameaçados.

Daí a condenação.

Não será fácil para eles descobrir que as aspirações, as atitudes e os interesses dos que vivem em cima são diferentes e, muitas vezes, opostos às aspirações, atitudes e interesses dos que vivem embaixo.

Não será fácil para eles descobrir que a maneira de agir e de pensar dos que vivem em cima vai infiltrando-se cada vez mais na escola, no trabalho, no sexo, na política, na diversão, na Igreja...

Não será fácil para eles, enfim, descobrir que o sistema poderá mudar somente na medida em que as classes populares se unirem e se organizarem.

Toda descoberta será fruto de uma longa caminhada.

1. O que estamos fazendo para favorecer o despertar de uma

consciência de classe nos jovens com os quais estamos

trabalhando?

2. Quais os sinais que revelam a consciência de classe surgindo nos jovens com os quais trabalhamos?

3. O que está ainda atrapalhando o fortalecimento da consciência de classe dos grupos de jovens?

48

2. AJUDANDO OS JOVENS A ORGANIZAR-SE COM OS MORADORES DO BAIRRO,

COM OS COMPANHEIROS DE TRABALHO, COM OS COLEGAS DE ESCOLA

As classes populares são aquelas que carregam o

mundo nas costas: os operários de fábrica, os de constru-

ção civil e do comércio, os assalariados do campo, os

motoristas de ônibus...

Se tais categorias de trabalhadores se organizarem, poderão fazer respeitar seus direitos, poderão encaminhar a construção de uma sociedade onde a produção, fruto de seu trabalho, não fique nas mãos de uma minoria, mas seja dividida entre todos aqueles que trabalham.

A. O engajamento na luta por categoria profissional

Os jovens das classes populares são chamados a organizar-se por categoria profissional. São chamados a transformar os órgãos de classe já existentes — sindicato, federação, confederação — em órgãos que defendam de fato os interesses dos trabalhadores.

O engajamento dos jovens trabalhadores no movimento sindical é fundamental.

Nesta difícil tarefa, os jovens não podem separar-se dos adultos, pois tal separação viria dificultar seriamente a luta rumo aos mesmos objetivos.

Jovens e adultos deverão lutar unidos, organizando-se por categoria profissional:

4. Em busca.

- metalúrgicos,
- comerciários,
- professores,
- trabalhadores rurais etc.

B. O engajamento na luta com os moradores do bairro

A exploração e as injustiças que ocorrem no trabalho — horas-extras não pagas, salário insuficiente, carteira não assinada etc. — refletem-se nos bairros populares onde as famílias de trabalhadores são forçadas a morar:

- em ruas esburacadas,
- com falta de água e de luz,
- em casas pobres,
- com falta de higiene,
- com lixo que se amontoa etc.

Assim, não é preciso muito esforço para que os jovens trabalhadores percebam que a luta do lugar de trabalho e da categoria profissional deve continuar no bairro:

- através do grupo de jovens,
- através do conselho de moradores,
- através das comissões que reivindicam a melhoria das condições de vida,
- através do conselho paroquial...

Também aqui os jovens e os adultos vão aprender a lutar juntos:

C. O engajamento na luta com os colegas de escola

Muitos jovens do meio popular também estudam: uns trabalham e estudam; outros apenas estudam.

Quase todos, porém, não conseguem levar os estudos a termo: as duras condições de vida e de trabalho obrigam-nos a deixar os estudos antes mesmo de concluir o 2.º ou até o 1º grau.

50

Não podemos deixar de ajudar o jovem do meio popular a tornar-se um militante também em sua escola. Mas precisamos distinguir:

De *um lado*, os jovens que trabalham e estudam ficam absorvidos quase que totalmente pelas preocupações da vida de trabalho:

- suas atenções estão voltadas para as péssimas condições do trabalho;

— suas energias são gastas principalmente no trabalho.

Procuraremos, portanto, priorizar nesses jovens sua militância com relação ao trabalho:

- na fábrica ou no comércio;
- no seu sindicato.

Isso, contudo, não nos impedirá de fazer com que alguns deles colaborem com alguma atividade ou ação que seus colegas de escola possam vir a realizar na própria escola.

De *outro lado*, há jovens do meio popular que, durante certo tempo, só ficam estudando. A atenção deles está voltada principalmente para a escola e para as dificuldades que nela encontram:

- matrículas caras,
- falta de livros e de material escolar,
- diretores autoritários,
- falta de higiene,
- ensino alienante etc.

Procuraremos, portanto, ajudá-los a refletir, prioritariamente, sobre essa realidade, com o objetivo de comprometer-se a transformá-la. Mas, atenção: será preciso um tipo de reflexão que facilite a ligação entre

- a escola e a condição de classe dos jovens do meio popular;

— a luta na escola e a luta geral que a classe trabalhadora leva adiante.

A vida de estudo dos jovens do meio popular é bem diferente da vida de estudo dos jovens de classe média e alta:

- os *jovens do meio popular*, em sua grande maioria, estudam em colégios da rede oficial, com péssimas condições de ensino, com falta de infra-estrutura adequada, com mil problemas;
- os *jovens de classe média ou alta*, em sua grande maioria, estudam em colégios da rede particular, onde as condições de ensino são melhores, a infra-estrutura é mais adequada e os problemas

são bem menores.

Será preciso que os jovens do meio popular descubram as raízes dessas diferenças e dessas contradições.

D. O grupo de jovens se torna missionário

e seus membros se tomam militantes

Pelo que falamos, fica evidente que as ações não são apenas de um grupo, mas também de cada membro. Cada membro do grupo, ao tornar-se militante, vai agir,

com seus colegas, na escola;

com os demais moradores, no bairro;

com seus companheiros, na fábrica ou no campo.

Dessa forma, o grupo se torna verdadeiramente missionário.

No grupo de jovens do Bodocongó, em Campina Grande,
— *Paulo* milita na escola, lutando, com seus colegas, para que os bebedouros voltem a funcionar;
— *Chico* milita na fábrica, lutando, com seus companheiros, para que as horas-extras sejam pagas;

52

— *Fernanda* milita no bairro, lutando, com os demais moradores, pela legalização da Sociedade Amigos do Bairro.

E, assim, os demais membros do grupo.

Todos juntos — Paulo, Chico, Fernanda e os demais — se reúnem semanalmente para avaliar sua militância, aprofundar sua fé, planejar sua ação futura.

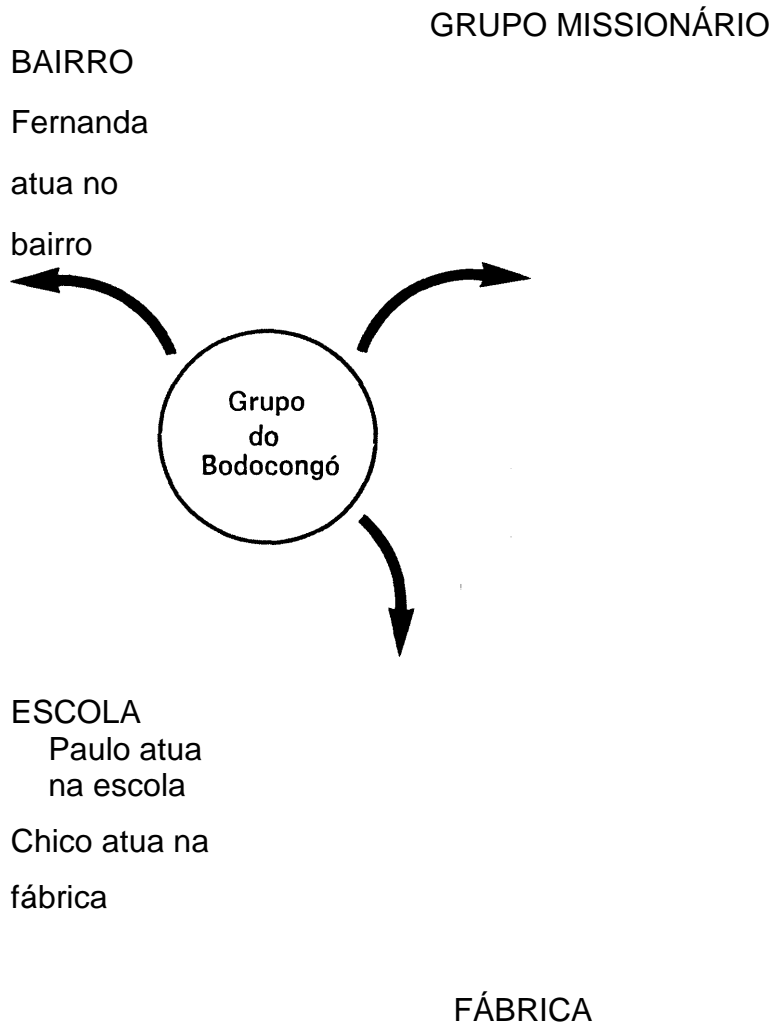
A ação do grupo do Bodocongó não se restringe apenas a atividades que todos os seus membros realizam conjuntamente: uma reunião, uma pesquisa etc. A ação do grupo vai muito mais além: faz brotar a militância de cada membro: o grupo está presente na ação de Paulo, na ação de Chico, na ação de Fernanda.

Quando Paulo, ou Chico, ou Fernanda estão agindo, é o grupo que age.

Esse tipo de ação que o grupo do Bodocongó realiza é uma ação missionária.

Essa ação missionária faz com que os membros de um grupo se tornem militantes e dêem vida a novos militantes e a novos grupos:

- o grupo de Paulo no colégio,
- o grupo de Chico na fábrica,
- o grupo de Fernanda no bairro...



1. Estamos ajudando os jovens a organizar-se por categoria

- profissional? A engajar-se no movimento sindical? Como?
2. Nosso trabalho com os jovens está favorecendo uma maior organização nos bairros populares?
 3. Estamos orientando os jovens do meio popular que estudam a engajar-se na escola? Como?
 4. Quais as principais dificuldades que estamos encontrando em nosso trabalho, com relação ao conteúdo deste capítulo? Como superá-las?

54

3. INCENTIVANDO OS JOVENS A COMPROMETER-SE NA MILITANCIA POLÍTICO-PARTIDARIA

A luta pela transformação da sociedade mostra que

o partido político é outro instrumento importante para

alcançar a grande meta.

Na Conferência de Puebla, a Igreja atribuiu muito peso à atividade política e frisou que a *política partidária é o campo próprio dos leigos*. Os leigos devem formar e organizar partidos, com ideologia e estratégia próprias, para alcançar os legítimos objetivos..

Faz parte integrante de nosso trabalho de animadores adultos, portanto, estimular os jovens para a militância político-partidária.

Trata-se de um campo de ação bem complexo: exige um conhecimento profundo de partidos legais e ilegais, como também das diversas ideologias que existem em nosso País.

O animador adulto é chamado a colaborar ao máximo na busca desses dados que não são de fácil acesso para os jovens do meio popular.

O jovem do meio popular precisa aprender a discernir os diferentes projetos políticos dos partidos e suas

correspondentes ideologias.

Ideologia é a maneira de encarar a vida. São as ideias que temos a respeito do mundo, da política, da sociedade, do futuro.

As ideologias são necessárias, mas correm um perigo: o *perigo de achar que são as donas absolutas da verdade*. Precisamos alertar os jovens para esse perigo.

55

Também a militância político-partidária deverá ser frequentemente avaliada. Essas avaliações mostrarão os caminhos concretos para superar as naturais dificuldades que surgem na relação entre a ação político-partidária e a ação pastoral.

Sem essa avaliação, os jovens poderão ser facilmente *instrumentalizados* por partidos e ideologias sem ter a menor consciência das consequências disso.

1. Conhecemos bem os projetos dos principais partidos legais e ilegais de nosso País?
2. Estamos tentando tornar esses dados acessíveis aos jovens com os quais trabalhamos? Como?
3. Quais dificuldades estamos encontrando com relação à política partidária na qual os jovens tentam engajar-se?
4. Favorecer a formação de um grupo de estudo sobre o liberalismo capitalista e o marxismo, com a assessoria de pessoas competentes.

UM APROFUNDAMENTO TEÓRICO

Estamos assistindo à superação de um "ponto de vista

prático" ainda predominante nos últimos anos. Achava-se

que o que contava era a prática, que a teoria era coisa

de intelectuais etc.

Isso se explica como reação a uma época anterior, na qual extensas parcelas da classe média progressista — que nunca chegaram a assumir concretamente um trabalho de base — viviam fazendo discussões desvinculadas da realidade.

Os grupos de base poderão conseguir ter uma visão crítica do processo social em seu conjunto só a partir da compreensão dos mecanismos de exploração e do poder da sociedade capitalista. Com o estudo da economia política e da ciência da História, poderão surgir elementos capazes de pôr a nu as contradições do sistema.

Contudo, uma coisa é o estudo do sistema capitalista e outra é a aplicação das conclusões de tal estudo a determinada situação concreta.

Existem duas maneiras opostas de usar os dados

teóricos:

- a. Pode-se querer *impor a teoria à prática*, esperando que a prática siga as análises que fizemos sobre a realidade. Em geral, os que usam desta maneira os dados teóricos não estão preocupados em *recriar a teoria* ou aprofundá-la. Tendem a fazer com que certas análises teóricas sejam aplicadas tais e quais, como o projeto de um ditador.

b. Opostamente, pode-se *revelar a teoria já presente* — de maneira desarrumada — na prática e/ou *reinventá-la* a partir da própria prática. Muitas vezes, as exigências do trabalho na base obrigam a lançar mão da teoria. Então, essas mesmas exigências, estudadas e aprofundadas, permitirão refazer a teoria.

É claro que as classes populares não se tornarão logo capazes de elaborar espontaneamente essa teoria nem de formulá-la de maneira sistemática. Daí o papel do *agente de pastoral trabalhando na base*. para ajudar a elaboração e a sistematização da nova teoria.

1. Nossos grupos de jovens têm compreensão dos mecanismos

de exploração e do poder da sociedade capitalista? Como

vamos favorecer cada vez mais tal compreensão?

2. Como estamos usando, com os jovens, os dados teóricos da economia política e da ciência da História? Estamos incentivando a formação de grupos de estudo? Que metodologia de estudo estamos adotando?

Os jovens cristãos estão descobrindo que sua cami-

nhada de libertação é a continuação da caminhada do

povo hebreu, de Jesus Cristo e dos primeiros cristãos?
Nossa História não está separada da História passada
(cf. n.º 354 do Documento de Puebla).

Como o povo hebreu.
também nós somos escravos,
também nós queremos nos libertar,
também nós queremos passar pelo mar Vermelho.

Como Jesus Cristo,
também nós somos caluniados e perseguidos,
também nós queremos anunciar o Reino da justiça,
também nós queremos sair vitoriosos.

Como os primeiros cristãos,
também nós vivemos em pequenos grupos,
também nós lutamos por um mundo novo,
também nós nos amamos uns aos outros.

Isso significa que nosso compromisso com a transformação do mundo nos permite ler com novos olhos a Bíblia e que essa leitura da Bíblia nos empurra para rever

constantemente o nosso compromisso libertador.
Na medida em que vai acontecendo isso nos jovens,
é preciso que o agente de pastoral esteja atento à necessidade que eles vão sentindo para

- estudar mais a vida de Jesus,
- aprofundar mais o estudo dos Evangelhos,
- dedicar-se mais ao estudo da Teologia.

Assim, o desejo de estudar surge do empenho na luta de todos os dias. Trata-se, também aqui, de um estudo que nasce da prática.

Os mais interessados poderão estudar mais, mas o estudo deles, surgindo da forma como falávamos, nunca os afastará da prática. Pelo contrário, exigirá deles um empenho sempre maior.

A História passada ilumina o presente e nos faz des-

cobrir um novo sentido em tudo o que hoje estamos fazendo. Cabe sobretudo ao agente de pastoral ajudar os jovens nessa descoberta. É preciso que ele lance, frequentemente, perguntas como estas:

— O que tem a ver essa reivindicação com o Evangelho e com Jesus Cristo?

— O que tem a ver a luta dos moradores de nosso bairro, ameaçados de despejo, com a fé e com a Bíblia?

— O que tem a ver o teatro, que apresenta os problemas da comunidade, com a religião?

Tais perguntas são capazes de ajudar os jovens na descoberta de uma nova maneira de ver a vida e de uma nova maneira de ver o Evangelho.

— A fé questiona a vida.

— A vida questiona a fé.

1. Como está presente, em nosso trabalho pastoral com os

grupos de jovens, a dimensão da fé? Quais são os passos

principais que costumamos dar nesse sentido?

2. Quais as dificuldades principais que estamos sentindo a esse respeito? (Tentar procurar outros agentes de pastoral e discutir isso com eles, para ver como superar as dificuldades comuns.)

60

05 ESTAMOS
FAVORECENDO
O SURGIMENTO
E A FORMAÇÃO DE
JOVENS ANIMADORES ?

1. Mediante distribuição de tarefas

2. Aplicando as técnicas de dinâmica de grupo

3. Acompanhando os jovens mais interessados e ativos
4. Favorecendo a formação para o autofinanciamento como instrumento de auto-educação e de autonomia dos jovens
5. Ajudando cada militante a desenvolver e a fortalecer seu quadro de relações

1. MEDIANTE DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS

Aprender a distribuir tarefas significa também apren-

der a *despertar novas lideranças*^ novos animadores

É muito comum a tentação de

o tudo assumir,

o tudo fazer,

o tudo monopolizar...

Esta tentação não atinge apenas os jovens — sobretudo os mais desinibidos e comunicativos —, mas também o próprio agente de pastoral. O grupo acabará sentindo-se totalmente dependente dele, até o ponto de nada saber fazer sem ele.

É preciso que o maior número de pessoas assuma tarefa, aprenda a descobrir e a desenvolver suas qualidades, use a melhor maneira de servir seus irmãos.

Depois que as tarefas forem distribuídas, será preciso que elas sejam oportunamente *cobradas*.

Essa maneira de agir — distribuindo tarefa e cobrando tarefas — vai formar cada vez mais para a responsabilidade e para o compromisso na luta pela libertação do povo.

1. Fazer uma lista de tudo aquilo que nós, agentes de pastoral,

costumamos fazer no meio dos grupos. Depois, procurar

examinar se não existe alguma tarefa, cumprida por nós,

que poderia ser assumida pelos próprios jovens.

2. Nossos grupos estão conseguindo caminhar bem também quando nós estamos ausentes?

Existem ainda sinais de dependência entre os jovens e nós?

Quais? Como superar isso?

62

2. APLICANDO AS TÉCNICAS DE DINÂMICA DE GRUPO

O surgimento e a formação de jovens animadores

não é fruto de uma pedagogia elitista e discriminadora.

Isso leva muitos agentes de pastoral a pensar que o

problema se resolve muito facilmente: fazer dos grupos

somente uma rede para apanhar os melhores elementos...

Na verdade, a questão é muito mais complexa.

Criar as condições para o surgimento e a formação de autênticos animadores significa estimular um grande processo de participação em cada grupo de jovens.

Para isso, a *dinâmica de grupo* pode auxiliar muito.

As técnicas de dinâmica de grupo são uma valiosa descoberta da Ciência e devem ser colocadas a serviço de uma educação libertadora.

Nem todas as técnicas são aplicáveis a todos os tipos de grupos. Parece claro, por exemplo, que os grupos de

jovens exigem uma variedade de técnicas bem maior que os adultos...

A experiência revela quais são as técnicas mais válidas para uma pedagogia libertadora:

- a. São aquelas que possibilitam maior e melhor participação (quantidade de participantes e qualidade de participação).
- b. São também aquelas que retraíam melhor a realidade conflitiva — que evidenciam os conflitos — onde vivem, estudam e trabalham as pessoas.

Exemplos de tais técnicas não faltam:

— o *júri simulado* é uma técnica simples, capaz de

63

fazer reviver as mais variadas situações conflitivas da vida. Pode ser aplicada sem que haja um limite no número de participantes. Pode ajudar as pessoas a descobrir a "visão de classe" que está por trás dos fatos;

- a *dramatização* é outra técnica bem simples, aplicável entre grupos que estão iniciando. O importante é que, depois de representar uma dramatização, seja encaminhado um debate sobre a mesma.

Uma família de agricultores é ameaçada de despejo: a situação é desesperadora...

Um júri simulado provocará a formação de dois grupos:

- um dos dois tentará argumentar a favor do agricultor e de sua família;
- o outro grupo argumentará a favor de quem está despejando a família.

Assim, ficará bem clara a maneira de pensar e de agir dos poderosos, como também a maneira de pensar e de agir dos pequenos e oprimidos...

O mesmo caso poderá ser transformado numa breve dramatização. Logo depois, a formulação de uma pergunta será suficiente para encaminhar o debate:

O que mais nos impressionou nesta cena? Por quê?

1. Temos conhecimento das principais técnicas de dinâmica de grupo?

Em quais delas nos sentimos ainda inseguros na hora da aplicação? O que podemos fazer para superar isso?

2. Tentar realizar um júri simulado com um grande número

de jovens. Depois, fazer uma avaliação, tentando descobrir até que ponto a técnica foi válida:

- O que ela nos fez descobrir?

Em que ela atrapalhou?

- Se ela atrapalhou, isso dependeu da técnica em si ou de sua má aplicação?

64

3. ACOMPANHANDO OS JOVENS MAIS INTERESSADOS E ATIVOS

Jesus não se preocupava somente com a massa. Ele

dava atenção especial ao grupo dos doze apóstolos e.

entre eles, não tratava todos do mesmo jeito: tinha pre-

dileção especial por Pedro, Tiago e João. João era consi-

derado "o discípulo que Jesus amava". Pedro foi escolhido

como o continuador dele, no meio dos doze.

Da mesma forma, o agente de pastoral não pode e não deve tratar todos os jovens da mesma maneira: os mais interessados e ativos exigem um acompanhamento

maior. Tal acompanhamento representa a condição indispensável para o surgimento de novos animadores.

O que significa *acompanhar os mais interessados*?

Significa, antes de tudo, descobrir quem é mais sensível à mensagem libertadora do Evangelho, aos apelos que surgem da opressão que as classes populares sofrem.

Descobrir quem revela maiores capacidades de animador no meio dos irmãos.

Mas não basta. É preciso, em segundo lugar, proporcionar aos mais interessados e ativos a ajuda necessária para que suas potencialidades se tornem uma realidade.

Como se concretizará tal ajuda?

- a. Por meio de conversas individuais, de visitas ao lugar em que o jovem mora, de contatos informais.
- b. Por meio da observação de como o jovem atua em seu grupo, em seu bairro, com seus amigos.

Observação: contentar-se apenas com uns relatórios que o jovem possa fazer sobre sua prática é arriscar seriamente não conhecer a verdadeira situação dele.

65

5. Em busca.

c. Por meio da análise do trabalho e de uma constante avaliação do mesmo.

d. Por meio da sugestão de leituras, que permitam um crescimento adequado e progressivo. O importante não é ler muito, mas seguir um plano de leituras: leituras que proporcionem, gradualmente, um conhecimento mais aprofundado da realidade social, económica e política, um estudo teológico-bíblico, o uso de um instrumental capaz de permitir uma análise científica da sociedade.

e. Por meio da formação de grupos de estudos, grupos de coordenadores ou representantes de setores, dos quais possam realmente participar os mais interessados e ativos.

f. Por meio de um processo educativo que favoreça um crescimento harmónico em todos os aspectos da vida:

- vida sexual,
- vida familiar,
- vida social,
- vida escolar etc.

No trabalho de acompanhamento que todo agente de pastoral é chamado a desenvolver, existem perigos que não são fáceis de evitar;

- O perigo da relação de dependência que pode instaurar-se entre quem acompanha e quem é acompanhado.
- O perigo de distanciar os jovens mais interessados e ativos de seus grupos de base por causa de um tipo de acompanhamento elitizante (prestar atenção somente aos mais capacitados) e intelectualista (visar quase exclusivamente o crescimento intelectual).

Evitar esses dois perigos é um grande desafio de todo agente de pastoral.

66

1. Estamos acompanhando os mais interessados? Como?
2. Quais os acertos e os erros que estamos cometendo no acompanhamento dos mais interessados e ativos? Quais as causas dos erros?
3. Como evitar os perigos de que fala o texto no acompanhamento dos mais interessados e ativos?

67

4. FAVORECENDO A FORMAÇÃO PARA O AUTOFINANCIAMENTO COMO INSTRUMENTO DE AUTO-EDUCAÇÃO E DE AUTONOMIA DOS JOVENS

Na Pastoral de Juventude do Meio Popular do Nordeste

multiplicam-se as pequenas experiências de autofinancia-

mento:

- *caixinha* de grupo de jovens: cada membro do grupo dá regularmente sua contribuição;
- *rifas*: são rifados livros e outros pequenos objetos;
- *coleta e venda* de garrafas e jornais velhos;
- *livro de ouro*;
- *realização de pequenas festas*: "shows" ou peças teatrais;
- *gincanas* etc.

Cardjin, o fundador da JOC, costumava dizer: "O jovem trabalhador se compromete de verdade com o movimento quando paga sua cotização mensal". O autofinanciamento era considerado importante para que a JOC não dependesse de ninguém.

Dessa forma, aparece claro que o autofinanciamento não constitui apenas um instrumento para os jovens do meio popular se auto-educarem

68

— na capacidade de usar o dinheiro que conseguem através do emprego ou dos biscates.

Além disso, na medida em que os jovens do meio popular formarem uma força organizada, um movimento, o autofinanciamento será para eles também um meio — para garantir sua autonomia.

É fundamental manter essa autonomia, sobretudo nas horas de tensão que não faltam na Igreja.

O conflito da história humana é tão profundo em nossa sociedade que atinge a própria Igreja, pois ela está inserida nessa sociedade e é feita pelos homens dessa sociedade.

Isso faz com que o próprio coração da Igreja sangre e que nela a verdadeira divisão não se dê entre clero e leigos, mas entre opções e posições sócio-econômico-políticas distintas ou até opostas.

A história da JOC — da qual falávamos — testemunha claramente isso: nas horas de conflito maior, foi salutar

ter garantido sua autonomia com relação à hierarquia da Igreja. Isso, contudo, nunca impediu que a JOC se considerasse um movimento de Igreja e que também fosse considerada como tal pela Igreja.

A Igreja latino-americana recebe, hoje, muita ajuda financeira das Igrejas da Europa e da América do Norte. Esse fato revela uma solidariedade que na Igreja primitiva já era muito conhecida e praticada. Contudo, traz vários riscos:

- o risco da acomodação;
- o risco de fazer com que os cristãos latino-americanos não confiem devidamente em suas próprias forças;
- o risco de não poder continuar um trabalho pastoral na hora em que forem cortados os recursos vindos do exterior.

É preciso que os jovens do meio popular aprendam a caminhar com seus próprios pés também nesse aspecto.

69

Na maioria das vezes, não é possível exigir dos jovens um total autofinanciamento por causa de muitos motivos:

- a rotatividade da mão de obra;
- o desemprego crescente;
- o custo de vida cada vez mais elevado;
- os salários sempre mais baixos etc.

Será conveniente, então, estimular um autofinanciamento parcial, dentro das possibilidades concretas dos jovens entre os quais trabalhamos. Dessa forma, estaremos dando mais uma contribuição para a formação de autênticos militantes.

1. Quais as experiências de autofinanciamento que existem

entre os jovens com os quais trabalhamos?

2. Quais valores e quais limites apresentam todas essas experiências?

3. Como estamos encarando as ajudas financeiras que porventura recebemos do exterior? Até que ponto tais ajudas não estão favorecendo os riscos de que falamos?

5. AJUDANDO CADA MILITANTE A DESENVOLVER E A FORTALECER SEU QUADRO DE RELAÇÕES

Enfim, ajudaremos melhor a fazer com que cada

jovem se torne um militante de verdade na medida em

que ele aprender a desenvolver seu *quadro de relações*.

O que significa isso?

Vamos contar o caso de João, que trabalha no Supermercado das Lojas Americanas e que faz parte do Grupo da Panela.

- João toma, todos os dias, o mesmo ônibus, às 7 horas da manhã. Encontra quase sempre as mesmas pessoas. Com algumas delas conversa e estreita maiores laços como: com António, Maria e Biu.

Essas pessoas, às quais João vai se ligando, fazem parte do seu quadro de relações.

- João chega ao local de trabalho. Na seção dele trabalham sete rapazes e duas moças. João tenta ligar-se a todos, ser amigos de todos.

E a história continua...

- João volta para casa. Uns rapazes, vizinhos seus, o convidam para ir ao cinema. João aceita. No caminho, conversa com eles sobre as dificuldades no

trabalho, sobre a namorada de cada um...

O quadro de relações de João é formado por todas essas pessoas que ele encontra

71

- no ônibus,
- no trabalho,
- na vizinhança,
- nas diversões...

João será um bom militante na medida em que fizer crescer qualitativamente esse grande quadro,

- estreitando laços de amizade,
- conversando sobre todos os aspectos da vida,
- despertando em todos o desejo de se comprometer com a causa de libertação.

Será entre as pessoas de seu quadro de relações que

João vai fazer a pesquisa preparada por seu grupo.

No fim da semana, voltando a encontrar-se com os companheiros de grupo, tentará avaliar

- como vai o quadro de relações,
- os passos já dados,
- as dificuldades que ainda existem,
- a maneira de superá-las.

1. Reunir os representantes dos grupos que estamos acompa-

nhando e ajudar cada um *a fazer um levantamento do seu

quadro de relações.

2. Ajudar os mesmos jovens a definir os passos a serem dados para o crescimento qualitativo do quadro de relações de cada um.

A ARTICULAÇÃO DE GRUPOS E EXPERIÊNCIAS?

1. Escrevendo
2. Incentivando a criação de um verdadeiro movimento

1. ESCRREVENDO

Os agentes e os jovens, que têm o costume de frequen-

temente refletir sobre sua caminhada, sentem em certo

momento, a necessidade de *escrever*. Um caderno sempre

brota de uma experiência refletida...

Mas, escrever para quê?

Muitos agentes de pastoral escrevem apenas para fixar a história da caminhada dos grupos ou para restituir a eles, de maneira sistematizada, o que vai acontecendo no dia-a-dia.

São objetivos muito positivos. Mas podemos e devemos ter maior ousadia. Precisamos escrever para:

- difundir as experiências mais significativas que estamos realizando com os grupos;
- criar condições para que se articule, progressivamente, através de uma mesma linha pastoral libertadora e de uma troca de experiência, um número sempre maior de grupos de jovens e de agentes de pastoral.

Dessa forma, escrever não é tarefa exclusiva de intelectuais de gabinete ou de escritores profissionais.

Escrever deve ser também a missão de

- agentes de pastoral,
- educadores,
- coordenadores de grupos e animadores.

A Bíblia é essencialmente a história de um povo. Nós somos a continuação daquele povo. Uma das nossas tarefas é continuar a escrever essa história, uma história escrita com o suor de nosso trabalho.

74

Precisamos parar para escrever a história do bairro, da escola, da fábrica, de nossas experiências de luta... O importante não é escrever muito. O importante é que, no conteúdo de nossos escritos, estejam a própria vida e a própria experiência de nosso trabalho de evangelização com os jovens, a partir dos problemas mais sentidos por eles.

Vamos continuar escrevendo boletins, folhetos, cadernos, jornaizinhos, juntamente com nossos jovens e com outras pessoas interessadas.

Queremos, agora, lembrar alguns pontos:

- a. Os jovens mais empenhados nas atividades dos grupos — coordenadores, animadores etc. — devem ser exercitados a escrever breves relatórios de encontros e de pequenas ações já realizadas, boletins informativos, resumos de livros já lidos etc.
- b. Os agentes de pastoral precisam sentir-se muito responsáveis na tarefa de escrever as experiências mais significativas, as reflexões sobre tais experiências, as sugestões para iluminar a realidade com o Evangelho e para comparar a realidade local com problemas mais amplos.
- c. É preciso favorecer a participação do maior número possível de pessoas no planejamento, na redação e

na avaliação de qualquer caderno, boletim ou jornalzinho.

- d. Os cadernos devem ser permanentemente avaliados e refletidos com os mais interessados. Tal avaliação poderá exigir até que um caderno seja totalmente refeito.
- e. Os que planejam, redigem ou avaliam os cadernos devem estar engajados no trabalho de educação popular.
- f. Qualquer caderno, boletim ou folheto deve ser escrito de maneira tal que possa tornar-se um verdadeiro instrumento de educação popular.

75

g. Os folhetos devem ajudar a descobrir as coisas e não apenas dar informações. Devem incentivar e valorizar a criatividade.

h. É sempre importante que a linguagem usada seja sempre adequada ao nível dos destinatários. É preferível usar a linguagem mais acessível que for possível.

i. Os desenhos, quadrinhos e uma apresentação esteticamente atraente contribuem eficazmente para que os leitores entendam e gostem dos cadernos.

j. Difundir, sistematicamente, cadernos e folhetos, articulando agentes, grupos e experiências de lugares distantes. Desta maneira, escrever se torna um instrumento fundamental de uma pedagogia libertadora no meio de nossos jovens.

1. Tentar fazer o maior número possível de críticas ao presente

livro, levando em conta as sugestões concretas deste

capítulo.

2. Que passos podemos dar para despertar, no meio dos grupos de jovens, um maior interesse em aprender a escrever a história deles, suas reflexões e experiências?

3. Como estamos difundindo as experiências significativas que escrevemos?

4. Estamos recebendo boletins, folhetos e publicações de outros lugares, onde se realizam experiências parecidas com a nossa? Como estamos utilizando esse material?

2. INCENTIVANDO A CRIAÇÃO DE UM VERDADEIRO MOVIMENTO

Torna-se cada vez mais necessário que os agentes

adultos que atuam junto aos jovens do meio popular se

encontrem para

- trocar ideias,
- confrontar experiências,
- articular forças.

A mesma necessidade é sentida pelos coordenadores e animadores de cada grupo, como também por todos os membros dos grupos de jovens.

Cabe, sobretudo, aos animadores adultos mais dinâmicos estimular tudo isso.

Dessa forma, estaremos colaborando para a *criação de um verdadeiro movimento*, organizado e capaz de dar uma resposta adequada à estrutura de injustiça e ao sistema de exploração existente no mundo inteiro.

Quais são os principais passos a serem dados?

- a. Será, antes de tudo, conveniente que cada grupo de jovens não fique isolado, mas que se entrose com outros grupos da redondeza, através da troca de visitas e de encontros.
- b. Favorecer a organização entre vários grupos de uma mesma área (bairros vizinhos) através de encontros periódicos, fundação de um jornalzinho, formação de uma coordenação geral, avaliações anuais etc.
- c. Tentar uma organização parecida entre os grupos de outras áreas, até chegar aos grupos de uma diocese inteira.

d. Contemporaneamente, tentar o entrosamento e a organização com grupos de outras dioceses e outras regiões.

e. Favorecer, de vez em quando, um encontro entre animadores adultos que atuam junto aos jovens do meio popular.

f. Ter constantemente cuidado para evitar rivalidades entre grupos, principalmente os do meio popular com os da classe média,

g. Favorecer a formação de pequenas equipes de animação com representantes de grupos.

h. Levar em conta as diferenças existentes entre jovens do meio popular urbano e os do meio popular rural: favorecer uma organização distinta de uns e de outros. Isso não impedirá que, de vez em quando, haja grandes atividades conjuntas: uma pesquisa, uma assembleia...

A própria experiência ajudará a descobrir a necessidade de melhorar esses passos e de dar outros, sem nunca ter a pretensão de predeterminar tudo — de cima para baixo — e sem nunca esquecer que devem ser os próprios jovens os principais articuladores.

1. • Como está ocorrendo o contato, a troca de experiência

e a articulação entre os grupos de jovens de nossa

paróquia e os grupos de outros lugares?

- Com que periodicidade?
- Por iniciativa de quem?
- Com quais objetivos?

2. • O que estamos aprendendo com os jovens através dessas articulações?

- Que experiências novas?
- O que há de comum entre os grupos?
- Quais passos precisamos ainda dar?

O livro acabou. Ele não pretende ser completo nem

perfeito. Desejamos, apenas, que constitua um texto-base

que possa ser continuamente revisto e corrigido. Para isso, convidamos o leitor a responder às seguintes perguntas:

1. Partindo da leitura de cada capítulo deste livro, o que podemos corrigir, tirar ou acrescentar em nossa experiência?
2. Levando em conta nossa experiência, o que poderíamos corrigir, tirar ou acrescentar em cada capítulo do livro?

Pedimos insistentemente para que nos enviem críticas e sugestões de novas modificações ao presente texto. Dessa forma, como dizíamos acima, o livro possibilitará uma revisão da experiência pastoral, assim como o trabalho de evangelização levará a uma leitura crítica do livro.